

# A classe média: ascensão e declínio

ELÍSIO ESTANQUE

*Lisboa: FFMS, 2012, 115p.*

Sérgio A. M. Prieb\*

A situação da classe média diante da crise econômica que assola o capitalismo no mundo todo tem sido tema de diversos autores nos mais diferentes países. Embora a discussão sobre a classe média seja muito mais presente na Europa, em que parece não haver dúvidas de sua decadência, no Brasil o assunto também tem vindo à tona, podendo ser destacadas duas posições contrapostas. De um lado, uma análise bastante otimista sobre a classe média brasileira (Marcelo Neri, *A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide*, Editora Saraiva, 2011), em que para o autor a “nova classe média” ou “nova classe C” seria composta por metade da população trabalhadora, que em pleno processo de crise econômica estaria tendo uma invejável mobilidade social. Na outra ponta, uma visão mais crítica que é apresentada por Marcio Pochmann (*Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*, Boitempo Editorial, 2012). Para esse autor não haveria “nova classe média” no país e sim um maior consumo das classes populares que, no entanto, não se encaixariam no perfil característico do que poderia ser caracterizado como classe média. Acrescento à discussão: houve um aumento do consumo em razão da maior facilidade de crédito, que está levando a população

---

\* Professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

ao comprometimento de mais de 40% de sua renda com dívidas, o que pode ser verificado com o aumento do superendividamento e da inadimplência no país.

O livro do sociólogo português Elísio Estanque traz uma grande contribuição à discussão sobre a classe média em tempos de crise; mesmo que o autor parta da análise da situação da classe média de Portugal, país que se encontra no coração da crise econômica europeia, não podemos fechar os olhos para a possibilidade cada vez mais presente de vivenciarmos na classe média brasileira os problemas vivenciados pelos portugueses e europeus em geral. Estes, além dos efeitos da própria crise, têm se deparado com as imposições anticrise feitas pela chamada “troika” (Banco Central Europeu, Fundo Monetário Internacional e Comissão Europeia). O remédio para combater a crise acaba se mostrando tão ou mais amargo que a própria crise, em que imperam o corte de gastos governamentais para a redução do déficit público, retirada de direitos trabalhistas, diminuição de salários, aumento na jornada de trabalho, diminuição nos valores pagos aos aposentados, entre outras medidas em curso.

Estanque parte da discussão que podemos denominar clássica a respeito da classe média, abordando as diferenças entre a teoria das classes (Marx) e a teoria da estratificação social (Durkheim, Comte e Weber) até chegar ao surgimento da classe média portuguesa, fenômeno social tardio em relação aos demais países europeus por causa do atraso político e social imposto pelos cinquenta anos de salazarismo, em que tanto a industrialização como a concentração populacional urbana só começou a tomar forma a partir dos anos 1960 e especialmente a partir da Revolução dos Cravos de 1974. Como destaca o autor, “de uma sociedade predominantemente rural, passamos em escassas dezenas de anos, para uma sociedade de serviços, e isso, naturalmente, fez-se sentir na estrutura das classes” (p.62). A ascensão, mesmo que tardia, dessa classe média, fica bem caracterizada pela expansão de profissões como médicos, que passou de 7 mil em 1960 para 28.016 em 1990; o número de enfermeiros passou de 6.225 em 1960 para 21.335 em 1990. Os estudantes de nível superior que eram 40 mil no começo da década de 1970 chegaram a 400 mil nos início dos anos 2000.

A classe média portuguesa, assim como a classe trabalhadora em geral, passa a sofrer a partir dos últimos anos uma série de ataques aos seus direitos trabalhistas e sociais tão arduamente conquistados. O autor esclarece que a desigualdade de renda em Portugal tem se amplificado a cada ano, o que faz, tomando por base o “coeficiente de Gini”, Portugal ser um dos três países com maior desigualdade de renda da União Europeia.

A diminuição do papel do Estado na economia portuguesa (é importante frisar que a classe média do país é predominantemente composta por servidores públicos) faz que serviços públicos essenciais como educação e saúde estejam cada vez mais distantes da população. Por outro lado, o acesso fácil ao consumo jogou a classe média em um crescente processo de endividamento, tanto por real necessidade (o caso do aumento da demanda por aquisição de moradias perante

o insuficiente mercado locatário) como pelo consumo desenfreado, resultado do que o autor chama de “marketing consumista”. Dados da Associação de Defesa do Consumidor (Deco) mostram que a quantidade de superendividamento e falência das famílias portuguesas aumenta a cada ano, sendo que setores oriundos da classe média têm inclusive ingressado na situação de pobreza, como na reprodução que o autor traz de uma fonte da “Caritas do Porto”: “desde o ano passado que nos chegam pedidos de professores, advogados, engenheiros, profissões que nada fazia prever que precisariam de ajuda institucional”. O resultado do que podemos chamar de “novos pobres” é que instituições como a Caritas passaram a dar atendimento em separado dependendo da antiga condição social do cidadão: “As terças-feiras à tarde continuaram a ser majoritariamente para os sem-abrigo e depois abrimos mais um dia para as outras pessoas que sempre viveram bem e que de repente [...]”.

Além da descrição da situação econômica em que se encontra a classe média portuguesa, Estanque aborda, e esse é um dos aspectos mais significativos da pesquisa, a identificação subjetiva dos componentes da classe média portuguesa, já que estes tendem a enxergar diferenças de interesse com a classe trabalhadora, mesmo quando a classe média encontra-se em processo de pauperização. A isso o autor denomina “efeito classe média”, em que, como define Estanque, “a identificação subjetiva com a classe média tende a ampliar-se para lá dos limites objetivos (ou seja, do peso demográfico) dessa camada. Isso significa que por detrás da existência de uma classe média ‘real’, pode conceber-se a presença de uma classe média ‘virtual’”. Esse fenômeno explicaria a atitude de resignação do povo português perante as adversidades, sendo que o autor não nega também outros aspectos importantes diante dessa passividade, como o forte fervor católico dos portugueses, as raízes rurais da maioria do povo e os anos de convivência com a ditadura salazarista, que transformaram qualquer atitude de revolta em caso de polícia.

A grande questão que o livro busca responder é se a classe média, diante da situação de crise em que se encontra, à beira da pauperização, vai apresentar uma inversão nessa sua histórica atitude subjetiva de acomodação. Estarão os componentes da classe média caminhando para uma maior identificação com a classe trabalhadora em geral e irão às ruas em conjunto para buscar um enfrentamento efetivo aos ataques da “troika”, a exemplo das experiências iniciais conhecidas com o nome de “movimento dos indignados”, ou como se diz em Portugal, “geração à rasca”? É o desafio que está colocado à classe média, um desafio cheio de riscos e incertezas em que o autor mostra-se otimista na construção de uma reinvenção da classe média portuguesa, em que os tão necessários valores iniciados com o movimento de 25 de Abril sejam resgatados.

PRIEB, Sérgio. Resenha de: ESTANQUE, Elísio. A classe média: ascensão e declínio. Lisboa: FFMS, 2012, 115p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.37, 2013, p.199-201.

***Palavras-chave:*** Classe média; Crise econômica; Capitalismo.